

Freud e o “esboço de psicanálise”

Cláudia Formoso¹

Entre março e junho de 1938, talvez Freud tenha vivido o período mais dramático de sua vida. Os registros em seu diário, antes realizados ao acaso, passam a descrever a grave crise política em razão do avanço alemão e do fim da Áustria. Desde então, todos os esforços passam a ser no sentido de a família Freud deixar o país. Torturados pela burocracia e amedrontados pela Gestapo, após três meses de espera, em 04 de junho, eles conseguem partir para Londres, onde Freud viveria o seu último ano (MOLNAR, 1999).

Assim que se estabeleceu na Inglaterra, onde se sente acolhido e reconhecido, Freud conclui *Moisés e o monoteísmo* (1939) e começa a delinear um novo livro. Diversos autores afirmam que o *Esboço de psicanálise* (1940) foi escrito entre julho e setembro de 1938, ou seja, logo após sua chegada a Londres (GAY, 1999; QUINODOZ, 2007). No entanto, a fase difícil ainda persistia, pois ele seguia preocupado com problemas de outros refugiados, inclusive de seus familiares. Além disso, mais uma vez o câncer se manifestava, sendo necessário interromper sua produção devido a uma cirurgia, que seria a última e mais delicada intervenção que realizaria. Aos 82 anos, Freud sentia que o fim se aproximava, sugerindo aos seus amigos mais íntimos que o visitassem logo (GAY, 1999).

Embora inicialmente Freud tenha se referido ao *Esboço* como um “trabalho de férias” ou uma “ocupação divertida” (GAY, 1999), sabemos que não se tratava disso. Um clima de despedida estava no ar, e é esse o tom com que o *Esboço* foi escrito. No melhor estilo freudiano, o texto é complexo e, principalmente, traz

¹ Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pelo ESIPP, Psicanalista em formação pelo CEPdePA.

consigo a integração e a consistência de suas posições finais. Assim, com toda certeza, é possível atribuir ao *Esboço de psicanálise* o caráter de legado para as próximas gerações.

Como pano de fundo, nessa época, o nazismo assolava o mundo, eliminando da Áustria todos os traços da psicanálise. Na Alemanha, embora a psicanálise tivesse ainda sobrevivido, fora necessária uma adaptação que, definitivamente, não servia a Freud. A subserviência à ideologia racial nazista e a expulsão de qualquer praticante judeu não eram compatíveis com o espírito independente e o rigor científico que Freud buscava. Era necessário um novo berço para o movimento psicanalítico que, em razão dos acontecimentos e das restrições de Freud aos Estados Unidos, foi sendo consolidado em Londres.

Muitas dificuldades concretas abalavam Freud nesse momento. No entanto, nem a permanência de suas quatro irmãs idosas em Viena, a nova eclosão de sua doença e o momento político do mundo tiraram sua atenção da psicanálise. Ele seguia, nesse período, escrevendo um pouco e mantinha-se atendendo três pacientes (GAY, 1999).

Embora o *Esboço de psicanálise* seja considerado inacabado, é impossível deixar de vê-lo como a síntese da construção teórica de Freud (1940) e o reflexo do momento amargo que atravessava. O texto é apresentado com a maturidade de alguém que sabe que está próximo da morte e que está preocupado com o futuro de sua obra. Dirigindo-se possivelmente para leitores familiarizados com a psicanálise, Freud transita entre a primeira e segunda tópica como que fazendo um balanço de suas descobertas, deixando implícito, no entanto, o caráter mutante do pensamento psicanalítico.

Assim, Freud (1940) desenvolve o trabalho, dividindo o texto em três partes. A Parte I é dedicada ao funcionamento mental, onde discorre sobre o aparelho psíquico, a teoria das pulsões, o desenvolvimento da função sexual, as qualidades psíquicas e os sonhos. Descreve ali um *id* que contém tudo que é herdado e em que as pulsões, que se originam da organização somática, encontram uma primeira expressão psíquica. Desse mesmo *id*, sob influência do mundo externo, surge uma organização especial – o *ego* – que intermedeia as demandas do *id* e do mundo externo.

Em uma alusão clara ao *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1950 [1895]) descreve um *ego* que comanda o movimento voluntário, tem a função de autopreservação, armazena experiências na memória e aprende convenientemente a produzir modificações no mundo externo, esforçando-se pelo prazer e evitando o desprazer. Além disso, como um precipitado do *ego*, refere uma instância na qual se prolonga a influência parental e social no indivíduo, o *superego*. É interessante o quanto, nesse momento final, Freud parece redimensionar a grandeza dos conceitos articulados em 1895, quando produziu – e descartou – o *Projeto*.

Em seguida, Freud (1920) nos remete para *Além do princípio do prazer*. Ele postula que as pulsões são a suprema causa de toda atividade psíquica e presume a existência do conflito fundamental das duas pulsões básicas que coexistem no psiquismo, *Eros* e *pulsão destrutiva*. A primeira tem o objetivo de estabelecer unidades cada vez maiores, ou seja, ligar; a segunda objetiva desfazer conexões, ou seja, desligar. Assim, justamente em razão de a *pulsão destrutiva* ter como finalidade levar o que é vivo a um estado inorgânico, propõe o conceito de *pulsão de morte*. Afirma Freud (1920, p. 175): “Enquanto essa pulsão opera internamente, como pulsão de morte, ela permanece silenciosa; só nos chama a atenção quando é desviada para fora, como pulsão destrutiva”. Conclui, então, que é essa ação das pulsões que dá origem a toda diversidade de fenômenos da vida.

O *Esboço de psicanálise* revisita, também, os principais achados de Freud (1940) sobre a sexualidade, pelos quais ele revive o espanto provocado com a descoberta de que a atividade sexual está presente desde a mais tenra infância e que ela se encontra diretamente ligada à vida erótica adulta. E mais, não por acaso, os acontecimentos da vida sexual infantil sofrem o que Freud denominou de *amnésia infantil*. Aqui, ele enfatiza que a técnica da terapia analítica deriva justamente dessas concepções.

Sobre as três qualidades dos processos psíquicos – conscientes, pré-conscientes ou inconscientes – Freud (1940) sublinha que a divisão não pode ser nem absoluta nem permanente. Passeia na primeira e na segunda tópica, afirmando que “tudo o mais que é psíquico é, em nosso ponto de vista, o inconsciente” (FREUD, 1940, p. 184). Propõe uma divisão no inconsciente, descrevendo a facilidade com que alguns processos mentais podem se tornar conscientes ou pré-

conscientes, ou deixar de sê-lo. No entanto, afirma que existem outros processos psíquicos que não têm um acesso tão fácil à consciência devido à ação da resistência, que pode ser removida pelo tratamento analítico. Lembra, ao falar da psicose, o quanto a manutenção de resistências internas também é uma condição da normalidade. Aqui Freud vincula os processos conscientes à periferia do ego e tudo mais ao ego inconsciente.

Nesse momento, mais uma vez, lança luz sobre o *Projeto* e o traz à cena. Menciona quanto o tornar-se consciente está ligado às percepções que os órgãos sensoriais recebem do mundo externo e que o fenômeno se efetua no córtex externo do ego, além de também lembrar os estímulos que provêm do interior do corpo. Quanto ao *id*, afirma estar intimamente ligado ao inconsciente tanto quanto o *ego* ao *pré-consciente*. Para ele, no início do desenvolvimento do psiquismo, tudo era *id*, tendo o *ego* se desenvolvido a partir dele, influenciado pelo contato com o mundo externo.

No *Esboço*, as ideias apresentadas por Freud têm a sua versão final, não enquanto imutáveis – sabemos não ser essa a atitude psicanalítica que tanto preservava –, mas por serem o que validava suas concepções próximo de sua morte. Pode-se notar a integração do conteúdo teórico dentro de um mesmo texto, encontrando espaço – sem dificuldade de voltar atrás – para o que havia sido desconsiderado anteriormente.

Como não poderia deixar de ser, também a *Interpretação dos sonhos* é retomada nesse momento. Nesse texto, Freud (1900) enfatiza, mais uma vez, o valor dos sonhos, por possibilitarem o acesso às leis do inconsciente, descrito como “Reino do Ilógico”. Ele afirma que os sonhos são produtos de uma conciliação de algo que satisfaz o *id*, mas que pode causar ansiedade para o *ego* por essa mesma razão. Conclui, por fim, que o estudo da elaboração onírica muito contribuiu no entendimento dos sintomas neuróticos e psicóticos.

Na Parte II do *Esboço*, Freud (1940) discorre sobre a prática da psicanálise, explorando a técnica e tentando exemplificar como se constitui o funcionamento neurótico. Usa a analogia da guerra civil, que precisa ser decidida por um aliado que vem de fora. Assim, considerando a realidade externa, o analista e o *ego* fragilizado do analisando precisam se aliar contra as exigências do *id* e do *superego*.

O analisando se compromete a ser sincero – sendo aqui sinceridade entendida como a *regra fundamental* – enquanto o analista garante discrição e um lugar de abstinência, para que o analisando possa ser genuinamente respeitado.

Freud (1940) refere o risco de o analista sucumbir ao próprio narcisismo e usar, na relação analítica, sua influência para repetir o esmagamento da individualidade do analisando, derramando sobre ele seu próprio desejo. Se assim o fizer, estaria repetindo a relação com os primeiros objetos desse analisando. É possível perceber uma preocupação ética com o mau uso da técnica analítica, já que o lugar da transferência possibilita que o analista tenha, na história de seu analisando, um lugar de poder e de “criar homens à sua própria imagem” (FREUD, 1940, p. 202).

Ele discorre com maestria e simplicidade sobre a *transferência positiva e negativa* e adverte que outro grande risco para a análise reside no fato de o analisando não compreender a natureza do que está se passando na relação analítica e tomar o *aqui e agora* como uma experiência inédita. Mais uma vez, cabe ao analista abster-se de ser real e remeter o analisando ao seu passado remoto. A recompensa será compensadora, “[...] pois o paciente nunca se esquece novamente do que experimentou sob a forma de transferência” (FREUD, 1940, p. 204).

Outro conceito enfatizado é o de resistência, cuja superação Freud (1940, p. 206) afirma ser “a parte do nosso trabalho que exige mais tempo e esforço”. No entanto, garante que esse empenho vale a pena, pois resultará em um *ego* com âmbito maior e com menor dispêndio de energia necessária para a manutenção dessas resistências. Refere, ainda, as duas resistências que não provêm do *ego*: A primeira é o sentimento de culpa, que seria uma contribuição de um *superego* severo que se faz presente através de uma propensão a manter-se doente; e a segunda, oriunda do *id*, é a tendência à autodestruição, que impele o analisando a lutar incessantemente contra sua melhora. Aqui, embora faça uma clara alusão ao conceito de *pulsão de morte*, reconhece ainda não ter conseguido uma explicação que o satisfaça.

Podemos perceber que, nas duas primeiras partes do *Esboço*, existe uma preocupação em integrar e apresentar os principais conceitos da psicanálise em suas posições finais. Na Parte III, intitulada “*O rendimento teórico*”, no entanto, Freud

(1940) traz contribuições novas sobre a *angústia* e a *clivagem do ego*, além de suas consequências. Retoma a ideia de que a psicanálise trata de fenômenos que estão para além da ciência da Psicologia, tendo um lado biológico também. Freud descreve um *ego* governado por considerações de segurança, com a função de autopreservação e que faz uso das sensações de ansiedade como sinal de alerta à sua integridade. Dessa forma, é ameaçado por perigos externos e perigos oriundos do *id*, que não podem destruí-lo, mas podem destruir a sua organização, transformando-o novamente em uma parte do *id*. O sujeito adota defesas contra ambos, mas lhe é especialmente difícil escapar da ameaça interna, e é justamente aí que temos uma pré-condição à neurose. Freud refere um partidarismo do *ego* em favor do mundo externo na sua tentativa precoce de represar a pulsão sexual e atribui a esse fato a disposição posterior do indivíduo à cultura, voltando a questões abordadas nos textos *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915) e *O futuro de uma ilusão* (1927).

Ao ampliar o conceito de *clivagem do ego* – antes utilizado apenas no entendimento das psicoses – Freud (1940) traz a ideia de que, também no fetichismo e na neurose, estão presentes duas atitudes contraditórias, em que uma aceita a realidade e a outra a rejeita. É interessante pensar que, mesmo quando se propõe a retomar os principais pontos de sua obra, ele acaba por lançar novas questões, principalmente no que tange ao *ego* e a seus processos de defesa.

Por fim, Freud (1940) descreve o *superego* como o agente que efetua as funções que eram desempenhadas por objetos do mundo externo que foram abandonados e, por identificação, incluídos no *ego*, tornando-se, assim, parte do mundo interno. Retoma, mais uma vez, a ideia do *superego* como herdeiro do complexo de Édipo, representando o passado cultural que a criança repete no início da vida. Embora reconheça a probabilidade de que essas generalizações não sejam universalmente corretas, novamente considera que as experiências infantis “serão intensificadas por serem repetições de alguma primeira vivência filogenética” (FREUD, 1940, p. 237).

Apesar da aparente simplicidade com que Freud descreve sua obra no *Esboço*, pode-se perceber a presença dos conceitos estruturais da psicanálise sem, no entanto, deixar de reconhecer os seus limites. Aos 82 anos, Freud afirma que

chegaria a época em que substâncias químicas incidiriam no equilíbrio mental e que, com isso, a psicanálise se tornaria obsoleta. Surpreendentemente, ao mesmo tempo em que deixa um legado de sua obra, também abre um espaço para que ela – como tudo o que construiu – possa ser repensada, vislumbrando inclusive a possibilidade de seu fim. Segue aberto ao novo e tendo, sobretudo, o pensamento psicanalítico que tanto preservava.

Também em relação à própria vida, Freud se mantém coerente ao enfrentamento das verdades. Recusava-se a ocupar o lugar infantil de ser enganado em relação ao que lhe reservava o agravamento de sua doença. Ele não negava a morte, assim como nunca a negou em sua obra. Em 1º de agosto de 1939, encerrou suas atividades. Cada vez mais resignado, desligava-se dignamente da vida, enfrentando a dor da morte com a mesma coragem com que sempre encarou olhar para as dores da alma. Menos de dois meses após parar de escrever e de atender – possivelmente a perda mais dolorosa –, Freud reconhece que tinha chegado o fim.

Freud acertou em sua previsão de que, no futuro, surgiriam drogas que alterariam o funcionamento psíquico, mas esse fato, diferentemente da possibilidade que previu, não acabou com a psicanálise. Pelo contrário, a teoria psicanalítica segue viva, instigante e nos desafiando, sempre...

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 4).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 18).

_____. (1940). Esboço de psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 23).

_____. (1950 [1895]). O projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 1).

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Schwarcz, 1999.

MOLNAR, M. **Diário de Sigmund Freud (1929-1939): crônicas breves**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

QUINODOZ, J.-M. **Ler Freud: guia de leitura para obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.